

Doce futuro no sertão do Piauí

No Semi-Árido, o Projeto PROMEL aperfeiçoa atividade que já existia rusticamente: apicultura. Das flores do sertão se produz mel de excelente qualidade e alta potencialidade comercial.

Texto: Diego Braga Norte. Fotos: Iolanda Huzak.

Quem chega a Picos, cidade encravada no centro do Piauí, no Semi-Árido, não imagina quão doce e nobre trabalho por lá se desenvolve. O calor na estiagem – entre junho e novembro – frequentemente atinge picos (trocadilho inevitável) superiores a 40 graus. Nada resiste a tal provação da natureza, muitos podem pensar. Nada mesmo?

Poucos sabem, mas hoje a região é a maior produtora de mel

do País e responde por mais de 90% do mel produzido no Piauí. Desde meados da década de 1970, Picos já apresentava tal atividade, tocada por pequenos agricultores que vendiam a produção para empresas. Famílias cultivavam abelhas de maneira rústica, sem se preocupar com implicações, conhecimentos técnicos ou possibilidade de tornar o negócio mais profissional e lucrativo.

Com o PROMEL (Projeto Nordeste de Geração de Trabalho e Renda e de Promoção do Desenvolvimento Regional Sustentável com Foco na Cadeia Produtiva do Mel), o panorama mudou. O projeto é uma iniciativa da Fundação Banco do Brasil, Rede Untrabalho, ICCO (Organização Intereclesiástica para a Cooperação do Desenvolvimento), UniSol (União e Solidariedade das Cooperativas Empreendimentos de Economia Social do Brasil) e Sebrae. Sua primeira ação é a implementação do projeto CASA APIS (Central de Cooperativas do Semi-Árido), que abrange Picos e mais 30 cidades de Pernambuco, Piauí e Ceará.



APICULTORES DE PICOS: "BOM PRA TODO MUNDO."



APICULTOR VERIFICA FAVOS: QUALIFICAÇÃO, AUMENTO E MELHORA DA PRODUÇÃO.

A empreitada visa basicamente a orientar a organização dos produtores para que possam melhorar produção e renda. O diferencial do projeto é sua concepção "ao avesso". O apicultor Waldiná de Moura explica: "É da base para cima, nós é que decidimos tudo."

Não foi fácil. Como bem diz Waldiná, "a cultura do sertão é individualista, na seca vale o salve-se quem puder". Diante desse quadro que poderia ter sido pintado

por Portinari, a principal figura que recria as cores do sertão é a dos Agentes de Desenvolvimento Regional (ADR), pessoas pertencentes à comunidade, com trânsito e diálogo fácil entre os apicultores. No projeto trabalham 11 deles, atendendo em torno de 500 famílias. Tiveram cursos, treinamentos; e, capacitados, disseminam conhecimento. Assim, tal qual as abelhas operárias, funcionam como orientadores de seus grupos e amplificadores de resultados. Discutem as etapas, devidamente monitoradas, e todos as cumprem seguindo as necessidades levantadas pelos próprios apicultores.

De "jegue motorizado"

Visitando famílias, acompanhando o trabalho, ministrando cursos e palestras, os ADRs incentivam práticas aparentemente simples, mas extremamente eficazes. O resultado? A produção aumentou em quantidade e qualidade. Hoje, a maioria das famílias parti-



EM CANABRAVA, A APOSTA NA PRESERVAÇÃO.



cipantes extrai do mel a principal fonte de renda.

O ADR e apicultor Dionísio de Souza atua em São João da Canabrava. Toda semana monta em seu "jegue motorizado" (sim, hoje a moto é o jegue do novo sertão) e parte para as visitas. Depois de muito trabalho, viu a produção aumentar. A cultura dos apicultores muda gradativamente, segundo Dionísio, inclusive quanto à preservação do meio ambiente: "Nós precisamos da natureza, sem ela as abelhas passam fome", diz.

Colméia humana

Na época das chuvas, de dezembro a maio, a florada da caatinga é variada, propícia para o deleite das abelhas – e dos apicultores. Conservar esse ecossistema frágil e cíclico é básico. Com conhecimentos técnicos e empíricos, os produtores têm a preservação ambiental como ponto-chave. Eles agora sabem que práticas ecologicamente corretas garantem boas safras e bons lucros. O manejo adequado da flora evita a falta de alimentos para as abelhas e sua fuga para outros lugares.

Para o presidente da CASA APIS, Antônio Dantas Filho, o Sítinho, um dos principais motivos para tamanho engajamento e sucesso está nos resultados, assim como no suporte oferecido aos participantes: "Os apicultores da região viram que o retorno é garantido e passaram a se unir", explica. "Há um pessoal sério nos ajudando e muita transparência nos diálogos e discussões." Num curioso processo de mimetismo, os apicultores passaram a trabalhar em equipe. Tal como as abelhas.

"Não vai ter chefe nem patrão"



PRODUÇÃO FRACIONADA: CONSOLIDAÇÃO DA MARCA E VALOR AGREGADO.

A fase final do projeto pretende que os apicultores controlem todas as etapas – da produção à venda. Para isso, serão criadas 20 casas do mel e uma central de processamento e embalagem. Casa do mel é um local próprio para receber, processar e armazenar; e a central, prevista para abril de 2006, será a concretização da colméia de apicultores: uma unidade industrial que agregará as futuras casas do mel, as oito cooperativas e as demais associações existentes na região. A unidade vai ainda tornar viável a exportação sem atravessadores e o aumento da produção fracionada (em sachês, potes e afins), criando uma marca e agregando valor aos produtos. Os apicultores já têm os equipamentos necessários para coleta e processamento: veículos, balanças, filtros, homogeneizador, centrífuga e até aparatos de laboratório para medir especificações recomendadas pelo exigente mercado. O reaproveitamento da cera, o processo de homogeneização, os testes – tudo é feito dentro de padrões profissionais, na maior assepsia possível.

A Cooperativa Apícola da Região de Picos (Campil), uma das maiores, vende quase toda a produção a granel, mas produz também mel fracionado, inclusive adicionando alho, limão e própolis. Sob o teto da CASA APIS, os apicultores podem gerenciar melhor os negócios, barganhando bons preços com fornecedores e compradores. O ADR e apicultor Jaílson de Lemos resume: "Não vai ter chefe nem patrão, vai ser bom pra todo mundo."

PERISCÓPIO

Fundação Banco do Brasil, 20 anos de transformação social

Ao longo de seus vinte anos de existência, a Fundação Banco do Brasil vem desenvolvendo uma série de programas que têm como foco as áreas de educação, geração de trabalho e renda e ações voltadas para a reaplicação de tecnologias sociais – principalmente nas regiões Norte e Nordeste e nas periferias dos grandes centros urbanos. O desejo de organizar uma Instituição voltada para a transformação da realidade de comunidades excluí-

das ou em risco de exclusão surgiu em 1985. Hoje, a Fundação Banco do Brasil vem promovendo o desenvolvimento social de forma solidária e sustentável, por intermédio da mobilização das pessoas, da articulação de parcerias e da multiplicação de resultados. As milhares de ações executadas pela Fundação buscam propiciar às comunidades que elas sejam protagonistas de sua própria transformação social.